3 1761 07048054 6

CARLOS R. ALVARÃES
ENCADERNAÇÃO
Trab. simples e de luxo
Rua do Olival, 242 – LISBOA
Tel. 671365

5-9

Guerra Junqueiro

Poesias dispersas

PORTO
Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, L.da,
editores — Rua das Carmelitas, 144
Aillaud e Bertrand -- Lisboa - Paris

1920

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/poesiasdispersas00junq

POESIAS DISPERSAS

OBRAS DO MESMO AUTOR

Velhice do Padre Eterno, edição ilustrada.
Pátria.
Finis Patriæ.
Oração ao Pão.
Oração á Luz.
A lágrima.
Baptismo de Amor.
Vitória de França.

NO PRÉLO:

Heras de combate.
Clarões espirituais.

PROPRIEDADE ABSOLUTA DOS EDITORES

GUERRA JUNQUEIRO

POESIAS DISPERSAS

PORTO
LIVRARIA CHARDRON,
DE LÉLO & IRMÃO, L.da, EDITORES
R. DAS CARMELITAS, 144
AILLAUD E BERTRAND — LISBOA—PARIS
1920

A propriedade literária e artística está garantida em todos os países que aderiram à Convenção de Berne — (Em Portugal, pela lei de 18 de março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2577 de 17 de janeiro de 1912).

PQ
9261
G516
1926

FEB 12 1968

PORTO — IMPRENSA MODERNA

DEDICATÓRIA

A. F.

Entre os teus dedos de opala,
Sob a luz do teu olhar,
Estas endechas sem fala
Começarão a cantar.

MANHÃ

MANHÃ

Que esplendor! que vigor! que graça! que harmonia!
A pulverização da luz acaricia
Da floresta viçosa, athlética, possante
Os frescos vagalhões de verdura fragrante,
Que rolam da montanha em doidas gargalhadas,
Desgrenhando no azul as jubas inflamadas,
E inundando de sombra e de fôrça e d'amor
Os peitos maternais da natureza em flor!

Dir-se-ia um tropel de gigantes convulsos
Com tirsos colossais nos monstruosos pulsos,
Um ruidoso tropel de enormes Briareus
Levantando e agitando os braços para Deus,

Cheios de luz, de sons, de frémitos, de vida,
E que ao verem de longe a campina florida
Correm ávidamente alegres, como outrora
Os robustos teutões de cabelos d'aurora,
Ao verem com o olhar ingénuo e deslumbrado
Ao longe a Itália a rir, branca no azul doirado!

Como isto dá saúde, alegra e robustece!
Um ditirambo d'oiro aqui termina em prece
E uma oração termina em vermelha canção.
A morte não se vê nesta religião
Da natureza; aqui tudo resplende e canta,
Um sepulcro de planta é o berço doutra planta,
E a vida é tão profunda e tão fresca e tão forte,
Que está constantemente eliminando a morte.

Na floresta não há cruzes nem caveiras.
Os vermes sepulcrais aqui são trepadeiras,
A flor não se baptiza, o roble não jejua,
A lâmpada do sol e a lâmpada da lua
Não precisam de azeite, os frescos arvoredos
Abraçam-se dizendo adoráveis segredos

E casam-se à vontade a rir na luz imensa,
Sem precisar de cura e sem tirar dispensa,
Porque um dia os rosais votaram num concílio
Que havia só um papa infalível, — Virgílio!

Que esplendor! que vigor! que amor! que plenitude!
Eu quero mergulhar o corpo na saúde
Da terra que produz as árvores frondosas!
Quero aprender a ser vermelho com as rosas!
Águas vivas da encosta a correr transmiti
Para o meu coração a frescura que ri
Nesse vivo cristal! Lírios brancos do monte,
Vertei-me dentro d'alma e vertei-me na fronte
Essa candura, intacta e virgem, de luar!
Roussinóis, ensinai-me a chorar e a cantar!
Abelhas, revelai-me a graça misteriosa
Com que extraís o mel do cális duma rosa,
Para eu extrair puras canções d'amor
Duns lábios que também são como a rosa em flor!

Crianças, vinde rir, brincar, saltar, voar!
Abri o firmamento azul do vosso olhar

Onde cantam não sei que aves do paraíso...
O aroma do lilás transforma-se em sorriso
Nessas bôcas em flor, cuja alegria pura
Borboleteia em nós, como o sol na verdura!
Para vos ver passar pelo caminho agreste,
Abre a pervinca em flor o seu olhar celeste...
Duma risada vossa, ó crianças vermelhas,
Fez Deus no mês de Abril asas para as abelhas!
Desprendei a correr os cabelos dourados,
Rasgai os aventais nas sebes dos valados,
Encharcai-vos d'orvalho, estrelai-vos d'amoras,
Perpassai, colibrís! Iluminai, auroras!
Sêde um enxame d'oiro a rir pelos caminhos,
Tendes berço, poupai por conseguinte os ninhos!
Mas, como os Anjos são em Abril salteadores,
Anjos, colhei, cortai aos braçados as flores
Com que o Amor enfeitou as várzeas e as campinas!
As rosas fê-las Deus para as mãos pequeninas.

E vós, noivas gentis, noivas de loiras tranças,
Virgens que já còrais e que inda sois crianças,

Pombas em cujo seio o amor vai despontar
Como um lírio d'aurora em urnas de luar,
Vinde, correi também pelas profundas naves
Dêste templo de Deus onde cantam as aves
E vestidas de branco e de graça inocente,
Pombas, deixai cair religiosamente
A bênção partriarcal dos ramos da floresta
No divino esplendor da vossa fronte honesta !...

1878.

O PRIMEIRO FILHO

O PRIMEIRO FILHO

(Carta ao meu querido amigo Bernardo Pindela)

Entre tanta miséria e tantas coisas vis
Dêste vil grão de areia,
Ainda tenho o condão de me sentir feliz
Com a ventura alheia.

À minha noite triste, à noite tormentosa,
Onde busco a verdade,
Chegou com asas d'oiro a canção côr de rosa
Da tua felicidade.

És pai, viste nascer um fragmento d'aurora
Da tua alma, de ti...
Oh, momento divino em que o sorriso chora,
E em que o pranto sorri!

Que ventura radiante! oh que ventura infinda!
Olímpicos amores!
Ter frutos em Abril com o vergel ainda
Carregado de flores!

Deslumbramento!... ver num berço o teu futuro
Sorrindo ao teu presente!...
Ter a mulher e a mãe: juntar o beijo puro
Com o beijo inocente!...

Eu que vou, javali de flanco ensanguentado,
Pelos rudes caminhos,
Ajoelho quando escuto à beira dum valado
Os murmúrios dos ninhos!...

Em tudo que alvorece há um sorriso d'esperança,
Candura imaculada !...
E quer seja na flor, quer seja na criança
Sente-se a madrugada.

Quando, como um aroma, o hálito da infância
Passa nos lábios meus,
Vejo distintamente encurtar-se a distância
Entre a minh'alma e Deus.

A mão para apontar o azul, mão côr de rosa
Que aconselha e domina,
Será tanto mais forte e tanto mais bondosa,
Quanto mais pequenina.

CANÇÃO DE BATALHA

CANÇÃO DE BATALHA

Que durmam, muito embora, os pálidos amantes,
Que andaram contemplando a lua branca e fria...
Levantai-vos, heróis, e despertai, gigantes!
Já canta pelo azul sereno a cotovia
E já rasga o arado as terras fumegantes...

Entra-nos pelo peito em borbotões joviais
Êste sangue de luz que a madrugada entorna!
Poetas, que somos nós? Ferreiros d'arsenais;
É bater, é bater com alma na bigorna
As estrofes de bronze, as lanças e os punhais!

Acendei a fornalha enorme — a Inspiração.
Dai-lhe lenha, — A Verdade, a Justiça, o Direito —
E harmonia e pureza, e febre, e indignação;
E p'ra que a lavareda irrompa, abri o peito
E atirai ao braseiro, ardendo, o coração!

Há-de-nos devorar, talvez, o incêndio; embora!
O poeta é como o sol: o fogo que êle encerra
É quem espalha a luz nessa amplidão sonora...
Queimemo-nos a nós, iluminando a terra!
Somos lava, e a lava é quem produz a aurora!

DISTICO

DÍSTICO

(Por baixo do *Cavalo da Morte* de Albert Durer)

O Cavalo da Morte avança a passo lento
Com o pagem sinistro e o funebre mastim:
Batalhador, chegou teu ultimo momento!
Morre cantando! Solta o derradeiro alento,
Com a espada na mão, num golpe de clarim!...

GRUPO ANTIGO

Dos festões de verdura opípara e frondosa,
Que eu nas áureas manhãs de março, côr de rosa,
Julgo por entre o sol e entre as névoas ligeiras,
Ver Hercules a rir com Baco às cavaleiras!

IDEAL MODERNO

IDEAL NEGATIVO

Lama, dissolução, fermentação de tudo,
Esterquilínio pôdre, esterquilínio mudo,
Onde a Vida repousa em embrião, em germe,
Que desejas tu ser, ó lama infecta?

Verme.

E tu ao ver do mar soturno, em que te banhas,
A verdura que alegra os prados e as montanhas,
Ao ver da terra o vasto e embalsamado Abril,
Que desejas tu ser, monstro do mar?

Reptil.

E tu, grilheta viva a contemplar de rastros,
Florestas, vagalhões, nuvens, crateras, astros,
O que desejas tu, em teu sonho idealista?
— A asa para o vôo e a mão para a conquista.

Quadrúmano — gorilha, ourango, chimpanzé,
Quási lôbos, no chão, quási gente, de pé!
Ambíguos animais d'olhar manso e feroz,
(Adão inda com cauda, almas inda sem voz),
Que aspirações, fundas e estranhas, vos consomem?
Qual é o teu ideal, gorilha hirsuto?
É o homem.

E tu da Natureza ó imorredoira glória,
Tu que em tantos milhões de séculos de história
Conseguiste, num grande esfôrço triunfal,
Pôr a prumo no globo a tua espinha dorsal,
Tu que n'esse ascender de vértebras, que vai
Da moreia no lôdo a Moisés no Sinai,

Resumiste o marchar sem fim da criação,
Tu que foste Jesus, Budha, Mahomet, Platão,
Tu, que encarnaste em mil heróis, em mil gigantes,
Éschylo, Shakespeare, Isaías, Cervantes,
Sócrates, Galileu, Newton, Darwin, Laplace,
Tu, átomo de pó, que encaras face a face
A eternidade, tu, Prometheu resoluto,
Que pesas na tua mão, onde mal cabe um fruto,
Quantos mundos a arder Deus arrojou no espaço,
Tu que com teu olhar, teu cérebro, teu braço,
Escravizas a luz, a terra, a água, o vento,
Tu, cujo misterioso e imortal pensamento,
Inquilino fugaz d'uma caveira a rir,
Enche o universo desde o zénith ao nadir,
Sabendo com o mesmo idêntico rigor
Como nasce um planeta ou germina uma flor;
Tu que depois de dar emfim, águia altaneira,
Um balanço grandioso à natureza inteira,
Estacaste assombrado, e perplexo e contrito,
Contemplando o horroroso enigma do Infinito
Dize, dize-me tu, ó débil criatura
Em frente dessa eterna imensidade obscura

Onde, águia, o teu olhar é um carvão apagado,
Que é que desejas, diz! Prometheu fulminado,
Qual a tua ambição, teu ideal incoercível?

— É ser ou lôdo inerte ou rochedo impassível!

1888.

AO LUAR

AO LUAR

Andam milhões de pirilampos
A relva fresca a iluminar,
Como se houvera sôbre os campos
Caído em gotas de luar.

Além na encosta as cerejeiras,
Tôdas em flor n'este momento,
Parecem ser bandos de freiras
Que se evadiram dum convento,

Ou noivas tôdas já vestidas
De linho branco ou de alva lã,
Para casar às escondidas
À luz da estrêla da manhã...

Boiam nas águas cristalinas,
Entrelaçando-se dormentes,
Cachos sonâmbulos de ondinas,
Feitas de opalas transparentes,

Sorrindo frias, silenciosas,
— Sorriso último dum astro !... —
Com lírios murchos e com rosas
No alvor das frontes de alabastro...

Em luar dorido amortalhada,
Morta d'amor, lânguidamente,
Ofélia vai, branca e gelada,
Na branca e múrmura corrente.

Do mar, sem trégua e sem descanso,
As vagas fúlgidas d'espuma,
Em longo e rítmico balanço
Adormentando-se uma a uma;

São como tálamos esparsos,
Leitos de arminhos, ao relento,
Onde as sereias de olhos garços
Vão, num delíquio sonolento,

Cantando a ária que arrebata
O navegante moribundo
Para os palácios d'oiro e prata
Que as ondas verdes tem no fundo...

Lá pelo azul da imensidade
Entôa a lua clara e fria
Não sei que Requiem de saùdade,
Que Miserere de harmonia,

Que envolve e embala a natureza,
— Filtro de luz estonteador! —
Num sonho aéreo de incerteza,
Num spasmo hipnótico d'amor...

E enquanto os beijos dos amantes
Abrem as pétalas vermelhas,
Andam os astros sintilantes,
Enxame olímpico de abelhas,

Em doce frémito amoroso,
Candidamente a fabricar
No seu cortiço esplendoroso
O favo argênteo do luar...

1899.

IN PACE — FINIS

IN PACE — FINIS

Declaro-me aposentado.
Terminei. Ponto final.
Resta-me o céu estrelado
E as rosas do meu quintal.

Subi a montanha escura
Da Vida... Enorme ascenção:
Uns quatro metros d'altura
Acima do rés-do-chão!

Lançando um olhar profundo
D'essa altura sôbre-humana,
Vi quanto é pequeno o mundo
E grande a miséria humana.

Vi a Traição e a Cobiça
Fazendo festins riais
No corpo nú da Justiça,
Ás portas dos tribunais.

Belo como um Lacoonte,
Vi um titan nas galés:
Trazia a aurora na fronte
E uma grilheta nos pés.

Cheio de dôr e respeito,
Vendo êsse herói, perguntei:
— Qual o teu nome? — O Direito.
— Qual o teu carrasco? — A Lei.

Perante o pobre e o humilde,
Vi sempre o Deus Sabaoht
Mandar mais oiro a Rotschild,
Mandar mais estêrco a Job.

Vi que a história, um sonho breve,
Na noite imensa e voraz,
Se é Tacito quem a escreve,
É Tibério quem a faz.

Vi que o «rei da criação»
Foi, antes de ser o que é,
Lôdo, esponja, tubarão,
Reptil, condor, chimpanzé,

E que guarda (são baixezas
Déssa origem que o infama),
Nas mãos o sinal das presas,
Na alma os sinais da lama.

Vi que o Mal do Bem se nutre,
E que o Destino dispoz
Para um Prometheu o abutre,
E para um Cristo um algoz.

Guia-me apenas, distante,
A luz ingénua da Crença,
Vaga nebulosa errante
Nas trevas da noite imensa...

Por isso vim solitário
Envolto, como ermitão,
No rude burel mortuário
Dum panteísta cristão,

Cheio de tédio profundo,
Enclausurar-me a final,
Longe, bem longe do mundo
No in-pace do meu quintal.

Rodeei-o com segurança
D'altas muralhas sombrias,
Para ter por vizinhança
As nuvens e as cotovias.

Mandei erguê-las, erguê-las
Essas muralhas ao ar,
Para que só as estrêlas
Me pudessem ver chorar...

Eu quero ao menos, de rastros,
Nos últimos estertores,
Olhar o céu, e ver astros,
Olhar a terra, e ver flores.

Êste exílio a que submeto
Minh'alma nesta clausura,
É como que um lazareto
Às portas da sepultura.

Deixei só a fresta escassa
Por onde caiba a vontade
De fóra a mão da Desgraça,
De dentro a mão da Piedade...

1889.

ELEGIA

ELEGIA

A alegria da vida, essa alegria d'oiro
A pouco e pouco em mim vai-se extinguindo, vai...
Melros alegres de bico loiro,
Ó melros negros, cantai, cantai!

Ando lívido, arrasto o pobre corpo exangue,
Que era feito da luz das claras madrugadas...
Rosas vermelhas da côr do sangue,
Rosas abri-vos às gargalhadas!

Limpidez virginal, graça d'Anacreonte,
Mimo, frescura, fôrça, onde é que estais?... não sei!...
Ó águas vivas, águas do monte,
Ó águas puras, correi, correi!

Eu sinto-me prostrado em lânguido desmaio,
E a minha fronte verga exausta para o chão...
Cedros altivos, sem mêdo ao raio,
Cedros erguei-vos pela amplidão!

A LÁGRIMA

A LÁGRIMA

Manhã de junho ardente. Uma encosta escalvada,
Sêca, deserta e nua, à beira duma estrada.

Terra ingrata, onde a urze a custo desabrocha,
Bebendo o sol, comendo o pó, mordendo a rocha.

Sôbre uma fôlha hostil duma figueira brava,
Mendiga que se nutre a pedregulho e lava,

A aurora desprendeu, compassiva e divina,
Uma lágrima etérea, enorme e cristalina.

Lágrima tão ideal, tão límpida que, ao vê-la,
De perto era um diamante e de longe uma estrêla.

Passa um rei com o seu cortejo de espavento,
Elmos, lanças, clarins, trinta pendões ao vento.

— «No meu diadema, disse o rei, quedando a olhar,
Há safiras sem conta e brilhantes sem par.

«Há rubins orientais, sangrentos e doirados,
Como beijos d'amor a arder, cristalizados.

«Há pérolas que são gotas de mágoa imensa,
Que a lua chora e verte e o mar gela e condensa.

«Pois brilhantes, rubins e pérolas de Ophir
Tudo isso eu dou, e vem, ó lágrima, fulgir

«Nesta c'roa orgulhosa, olímpica, suprema.
Vendo o globo a meus pés do alto do teu diadema!»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,
Ouviu, sorriu, tremeu, e quedou silenciosa.

Couraçado de ferro, épico e deslumbrante,
Passa no seu ginete um cavaleiro andante.

E o cavaleiro diz à lágrima irisada:
«Vem brilhar, por Jesus, na cruz da minha espada!

«Far-te hei relampejar, de vitória em vitória,
Na Terra Santa, à luz da Fé, ao sol da Glória!

«E à volta há-de guardar-te a minha noiva, ó astro,
Em seu colo auroreal de rosa e de alabastro.

«E assim aluniarás com teu vivo esplendor
Mil combates de heróis e mil sonhos d'amor!»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,
Ouviu, sorriu, tremeu, e quedou silenciosa.

Montado numa mula escura, de caminho,
Passa um vêlho judeu, avarento e mesquinho.

Mulas de carga atrás levavam-lhe o tesoiro,
Grandes arcas de cedro abarrotadas d'oiro.

E o vêlhinho andrajoso e magro como um junco,
O cráneo calvo, o olhar febril, o bico adunco.

Vendo a estrêla, exclamou: «Oh Deus, que maravilha!
Como ela resplandece e tremeluz e brilha!

«Com meu oiro em montão podiam-se comprar
Os impérios dos reis e os navios do mar.

«E por êsse diamante esplêndido trocara
Todo o meu oiro imenso a minha mão avara!»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,
Ouviu, sorriu, tremeu, e quedou silenciosa.

Debaixo da figueira então um cardo agreste,
Já ressequido, disse à lágrima celeste:

«A terra onde o lilás e a balsamina medra
Para mim teve sempre um coração de pedra.

«Se, a queixar-me, ergo ao céu os braços por acaso,
O céu manda-me em paga o fogo em que me abraso.

«Nunca junto de mim, ulcerado de espinhos,
Ouvi trinar, gorgear a música dos ninhos.

«Nunca junto de mim ranchos de namoradas
Debandaram, cantando, em noites estreladas..

«Voa a ave no azul e passa longe o amor,
Porque ai! nunca dei sombra e nunca tive flor!...

Ó lágrima de Deus, ó astro, ó gota d'água,
Cái na desolação d'esta infinita mágoa!»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,
Tremeu, tremeu, tremeu... e caíu silenciosa!...

E algum tempo depois o triste cardo exangue,
Reverdecendo, dava uma flor côr de sangue,

Dum roxo macerado e dorido e desfeito,
Como as chagas que tem Nosso Senhor no peito...

E ao cális virginal da pobre flor vermelha
Ia buscar, zumbindo, o mel doirado a abelha!...

25 de Março de 1888.

ADORAÇÃO

ADORAÇÃO

Eu não te tenho amor simplesmente. A paixão
Em mim não é amor, filha, é adoração!
Nem se fala em voz baixa à imagem que se adora.
Quando da minha noite eu te contemplo, aurora,
E, estrêla da manhã, um beijo teu perpassa
Em meus lábios, oh! quando essa infinita graça
Do teu piedoso olhar me inunda, n'esse instante
Eu sinto. — virgem linda, inefável, radiante,
Envolta num clarão balsâmico de lua,
A minh'alma ajoelhar, trémula, aos pés da tua!

Adoro-te !... Não és só graciosa, és bondosa:
Além de bela és santa; além de estrêla és rosa.
Bemdito seja o Deus, bemdita a Providência
Que deu o lírio ao monte e à tua alma a inocência,
O Deus que te criou, anjo, para eu te amar,
E fez do mesmo azul o céu e o teu olhar !...

1884.

O TEU ANIVERSÁRIO

O TEU ANIVERSÁRIO

Pediste-me sorrindo, ó minha flor gentil,
Uns versos às tuas vinte alvoradas de Abril.
Vinte anos já!... não creio, estás equivocada...
Enganas-te. Eu irei perguntar à alvorada
Quantas vezes pousou em êxtase, ao de leve,
A sua bôca de rosa em tua fronte de neve.
Vinte anos! Podes crer, pomba que eu idolatro,
Que se o corpo fez vinte, a alma, não: fez quatro.

O TEU ANIVERSÁRIO

Pediste-me sorrindo, ó minha flor gentil,
Uns versos às tuas vinte alvoradas de Abril.
Vinte anos já!... não creio, estás equivocada...
Enganas-te. Eu irei perguntar à alvorada
Quantas vezes pousou em êxtase, ao de leve,
À sua bôca de rosa em tua fronte de neve.
Vinte anos! Podes crer, pomba que eu idolatro,
Que se o corpo fez vinte, a alma, não: fez quatro.

A tua alma nasceu inefável, divina,
Para ser sempre grande e sempre pequenina.
É como a estrêla d'alva: enche o seu esplendor
O mundo, e ela não enche o cális duma flor!...

1882.

F.

F.

Quantos astros tem o céu?
Quantas ondas tem o mar?
Quantos mares no meu peito!...
Quantos céus no teu olhar!

CARTA A F.

CARTA A F.

És tu quem me conduz, és tu quem me alumia.
Para mim não desponta a aurora, não é dia,
Se não vejo os dois sóis azúis do teu olhar.
Deixei-te há pouco mais dum mês, — mês secular
E n'essa noite imensa, ah, digo-te a verdade,
Iluminou-me sempre o luar da saùdade.
E n'esses montes nus por onde eu tenho andado,
Trágicos vagalhões d'um mar petrificado,
Sempre adiante de mim, d'entre a aridez selvagem,
Vi como um lírio branco erguer-se a tua imagem.

Nunca te abandonei! Nunca me abandonaste!
És o sol e eu a sombra. És a flor e eu a haste.
Na hora em que parti meu coração deixei-o
Na urna virginal d'esse divino seio,
E o teu sinto-o eu aqui a bater de mansinho
Dentro em meu peito, como uma rôla em seu ninho!

Trás-os-Montes, 1883.

EM VIAGEM

EM VIAGEM

(Carta a F.)

Desde aquela dôr tamanha
Do momento em que parti
Um só prazer me acompanha,
Filha, o de pensar em ti.

Por sôbre a negra paisagem
Do meu ermo coração
O luar branco da tua imagem
Verte um benigno clarão.

A tarde, no azul celeste,
Há uma estrêla esmorecida,
Que é o beijo que tu me deste
Na hora da despedida,

Beijo tão longo e dolente,
Tão longo e cortado de ais,
Que o meu coração pressente
Que não te torno a ver mais.

Conto no céu estrelado
Lágrimas de oiro sem fim:
É o pranto que tens chorado,
De dia e noite, por mim...

Quando me deito na cama
E vou quási adormecido,
Oiço a tua voz que me chama,
Num suplicante gemido,

N'um gemido tão suave,
Tão triste na noite escura,
Que é como uma queixa d'ave
Presa n'uma sepultura!...

Em sonho, às vezes, meu Deus,
Cuido que vou a expirar,
Sem levar nos olhos meus
O teu derradeiro olhar,

E sem o extremo confôrt
Que eu ness'hora quero ter:
Beijar a fronte do morto
Aquela que o fez viver.

E é esta ideia constante,
É esta ideia sombria
Que me eclipsa, a todo o instante,
O sol da alma, a alegria.

Partir!... Partir-se a cadeia
Da vida, Senhor, Senhor!
Quando o azul doirado arqueia
Bênçãos ao meu ninho em flor!...

Morrer àmanhã talvez!
Morrer!... Endoideço, quando
Me lembra a tua viuvez,
Entre dois berços chorando!...

Morrer, entregar à ireva,
Aos vermes e às podridões
O meu coração, que leva
Dentro mais três corações!

É duro, é cruel... No entanto,
Antes da hora final,
Eu quero dizer-te o quanto
Te amei, lírio virginal!

Eu vinha de longe, exangue,
A alma despedaçada,
Deixando um rastro de sangue
Nas urzes da minha estrada.

Brancas ilusões mimosas,
Vastas quimeras febris,
Abelhas doirando rosas,
Águias c'roando alcantis,

Oh, dêsse mundo risonho
Havia apenas ficado
A bruma vaga dum sonho
Que a gente sonha acordado...

As três cordas coruscantes
Da minha harpa sonora,
Feitas de raios vibrantes
De fogo, de luar, d'aurora

Tinham-se tôdas partido,
Fibras do meu coração!
Ou exalando um gemido,
Ou blasfemando um trovão.

Eu era negro estandarte,
Vélho pendão funerário,
Nós escombros dum baluarte,
Nas solidões d'um calvário:

Rasgou o vento a bandeira
Em mil sinistros bocados,
A voar na noite agoireira
Tão negros, convulsionados,

Que eu próprio sismei, fitando
A amplidão cheia de horrores,
Se eram mortalhas em bando,
Se emigrações de condores!

Só me restava, sombria,
A altivez d'eras passadas,
Como armadura vazia
De herói, morto a punhaladas.

Era o leão f'rido em combate
Que busca, para expirar,
A noite e a rocha onde bate
A voz profunda do mar.

N'essa tremenda ansiedade
É que tu verteste, flor,
A tua imensa piedade
Na minha infinita dôr!...

Eu era a sombra funesta
E tu o clarão doirado;
Juntamo-nos, que é que resta?
Um céu de maio estrelado.

Quando vais serena e calma,
Linda, inefável, como és,
Vou pondo sempre a minha alma
No sítio onde pões os pés.

Corre o mundo, (o mundo é estreito)
Podes mil mundos correr,
Que hás-de calcar o meu peito
Sempre por ti a bater!

Quando em teu seio impoluto
Dormindo a fronte me cai,
Vejo crianças de luto,
Mil órfãos sem mãe, nem pai,

Que entre cravos e açucenas
N'um jardim chorando estão...
Os órfãos são minhas penas,
O jardim teu coração.

Se rio, súbitamente
Ficas tôda iluminada
D aquele oiro alvorescente
E virgem da madrugada,

D'aquele oiro que flutua
Em transparências maviosas,
Com a candura da lua
Tinta no sangue das rosas.

Meus sofrimentos partilhas
E meus regosijos vãos:
Minhas dores são tuas filhas;
Meus cuidados teus irmãos.

Não há dif'rença nenhuma
Em nossas almas, eu creio
Que foram feitas só d'uma,
Que Deus dividiu ao meio.

Por isso penso há dois meses,
Desde a hora em que parti,
Que morreria cem vezes
Morrendo longe de ti.

Mas ai! se assim fôsse, quando
Me sepultassem, então
Estalariam chorando
As tábuas do meu caixão.

E do meu peito gelado
Na terra do cemitério,
Brotaria ensanguentado
Um lírio roxo, funéreo,

Um lírio estranho, imprevisto,
Feito pela minha dôr
Das cinco chagas de Cristo
Reùnidas n'uma só flor...

E a estrêla d'alva inocente,
Cheia de dó tombaria,
Lagrimosíssimamente,
Na urna da flor sombria!...

Paris, 1887.

CARTA A MIMI

CARTA A MIMI

Eu desejava, açucena,
Para te escrever a ti,
Que alguêm me desse uma pena
Da asa d'um colibri,

E fôsse uma cotovia
Por essa amplidão sonora
Mòlhar-ma ao romper do dia
Na tinta fresca da aurora,

Tinta vermelha e doirada,
Com que Deus fez de improviso,
Há séculos a alvorada,
E há meses o teu sorriso.

Depois, quando à tarde o sol
Mergulha na imensidade,
Pediria a um rouxinol
Da minha antiga amizade,

A um rouxinol, que em junho
Vem sempre aqui de visita,
Que me escrevesse um rascunho
D'uma carta tão bonita,

Tão mimosa e tão saùdosa,
Que tu julgasses, ao lê-la,
Que era d'um anjo a uma rosa,
Que era d'um lírio a uma estrêla!

Ah, como a palavra zomba
Da ideia! Desisto, amor!
É o mocho a escrever à pomba;
É o verme a escrever à flor.

Quisera palavras cérulas,
Com a inocência infantil,
E o mimo doce das pérolas,
E a graça tenra d'abril;

Quisera versos, harpejos,
E rimas d'oiro a cantar,
Como um trinado de beijos
N'um jasmineiro ao luar;

Quisera expressões e frases,
D'um sentimento extra-humano,
Cheirando a orvalho, a lilases
E a rosas de todo o ano,

Expressões d'uma inocente
Candura intacta d'arminho,
Virgens como a água corrente
E azúis como a flor do linho.

Mas não há verso, nem rima,
Nem arte alguma, Mimi,
Que do fundo d'alma exprima
O amor que eu te tenho a ti.

Pois como hei-de eu concentrar
Esta saùdade, esta mágoa
N'um verso ?... como há-de o mar
Caber n'uma gota d'água ? !

Oh, é tal esta saùdade,
E é já tão grande o desejo
De te ver, que na verdade
A tôda a hora eu te vejo.

Quando no azul transparente,
Envolta em cândido véu,
Assoma divinamente
A aurora — o pudor do céu,

Lembra-me essas setinosas,
Mimosas faces vermelhas,
Que dariam sangue às rosas
E mel doirado às abelhas.

Quando vou pelos caminhos,
Verdes como madrigais,
E oiço o murmúrio dos ninhos
Gorgeando entre os sinceirais,

Eu cuido que és tu, Maria,
E essa ilusão não me espanta:
Um berço que balbucia
É igual a um ninho que canta!

Se vejo (cabeça louca!)
As frescas rosas singelas,
Confundo-as com a tua bôca.
E vou-me aos beijos a elas.

Quando passa uma criança,
Contradição singular!
Vens-me tu logo à lembrança,
E fico a rir... e a chorar.

Entre as silvas e os abrolhos
Há miosòtis de setim,
Que eu julgo serem teus olhos
Que estão a olhar para mim.

Nunca de ti me separo,
Quer ande longe, quer perto:
Tu és o sol sempre claro
E eu sou o olhar sempre aberto.

Trago n'alma o teu retrato,
Filha, nunca de lá sais...
Nem há fotógrafo exacto
Como o coração dos pais !

Tôda a minh'alma se enleva
Só nesta recordação...
Pois como havia de eu — treva
Não pensar em ti — clarão ? !

Ah ! que abençoada existência,
Ah ! que porvir cristalino,
Vendo o azul d'essa inocência
A rir sôbre o meu destino !

Em tudo quanto nos salva
De tudo o que é baixo e vil,
No horizonte — a estrêla d'alva,
Nos campos — a flor d'Abril.

Em tudo o que a amar convida,
Em tudo que nos seduz,
Na infância — aurora da vida,
Na aurora — infância da luz,

Em tudo eu vejo disperso
O teu retrato, Mimi:
Deus espalhou no universo
O Amor, o reúniu-o em ti!...

Caldas de Visela — 1883.

A MINHA FILHA

A MINHA FILHA

(Vendo-a dormir)

Que alma intacta e delicada!
Que argila pura e mimosa!
É a estrêla d'alvorada
Dentro d'um botão de rosa!

E, emquanto dormes tranqùila,
Vejo o divino esplendor
Da alma a sair da argila,
Da estrêla a saír da flor!

Anjos, no azul inocente,
Sôbre o teu hálito leve
Desdobram cândidamente,
Em pálio, as asas de neve...

E eu, urze má das encostas,
Eu sinto o dever sagrado
De te beijar, — de mãos postas!
De te abençoar, — ajoelhado!

1885.

VENDO-A SORRIR

VENDO-A SORRIR

(A minha filha)

Filha, quando sorris, iluminas a casa
D'um celeste esplendor.
A alegria é na infância o que na ave é asa
E perfume na flor.

Ó doirada alegria, ó virgindade santa
Do sorriso infantil!
Quando o teu lábio ri, filha, a minha alma canta
Todo o poema de abril.

Ao ver êsse sorriso, ó filha, se concentro
Em ti o meu olhar,
Engolía-se-me o céu azul pela alma dentro
Com pombas a voar.

Sou o sol que agoniza, e tu, meu anjo loiro,
Es o sol que se eleva.
Inunda-me de luz, sorri, polvilha de oiro
O meu manto de treva!

1884.

ROMARIA

ROMARIA

PASSEIO MATINAL

(Fragmento)

Filhas, andai comigo! Hora divina e mansa,
Balsâmica manhã d'um junho verde em flor!
Sobe da terra ao céu um frémito d'esprança,
Baixa do céu à terra um hálito d'amor...

Translúcidas canções d'inocência e noivado
Perpassam rindo... Exala aromas o vergel!...
A bôca forma o beijo e a abelha o mel doirado...
Vem das almas o beijo e da corola o mel...

A madre-silva, a rosa, o cravo, a balsamina
Vertem emanações edénicas no ar...
E em cada verso poisa uma imagem divina,
Como poisa num ramo um pássaro a cantar!

Sagrada comunhão d'heroísmo e d'alegria!
Banquete d'abundância e de graça imortal!
A luz, sangue do sol, vinho de eucaristia,
Tocando os corações, deixa-os como um cristal.

Vinde comigo, vinde, ó pombas côr d'aurora,
Vinde comigo, vinde, ó luz dos olhos meus,
Que eu quero-vos mostrar a dôr que sangra e chora
Sob o azul, onde vós julgais que habita Deus!

Olhai a estrada, olhai... que madrigal tão triste!
Como no olmeiro a vide os seus festões levanta!
E um aleijado ao pé de cada tronco existe,
E em cada ramo verde uma avezinha canta!

Olhai bem, olhai bem a infinita desgraça,
Pústulas, podridões, cancros, miséria, dôr,
Festim de sangue exposto aos olhos de quem passa,
D'onde quem passa volve os olhos com terror!

Primeiro os cegos: um de fronte taciturna
Barbas de neve, o ar extático e vidente
De quem marcha, n'um sonho, através d'uma furna,
Segurando na mão uma lanterna ausente...

Outros quási a sorrir, mesmo através dos crépes
Da escuridão, sorriso ingénuo de criança,
Lembram-me os divinais mendigos dos presepes
Entre um boisito loiro e uma ovelhita mansa...

E as suas almas na noite espêssa das clausuras,
Em moradas sem luz, sem cânticos, sem ar,
Vão ansiosas, tateando as sombras, às escuras,
Debruçar-se detrás dos olhos sem olhar.

Como presos, no horror de negras enxòvias,
Espreitando o clarão d'um sol que nunca vem,
Batendo eternamente a duas fresias sombrias,
Que eternamente um juíz mandou cerrar também!

Olhai, olhai êste! O rosto cancerado,
Tão carcomido, e o sangue em úlceras, tão preto,
Que a máscara a caír já mostra o mascarado,
E atrás da carne pòdre aparece o esqueleto!

E emquanto o azul deslumbra a natureza inteira
Dia a dia êle assiste, e com inúteis ais,
Á decomposição da cabeça em caveira,
Como a fazem na terra as larvas sepulcrais!...

Engole o pão de Deus por uma chaga em brasa!
Olha os astros por dois fonículos de pús!
Da latrina da bôca a sânie lhe extravasa...
E o hálito... que horror!... Jesus! Jesus! Jesus!...

Vêde aquele: um montão de pústulas obscenas.
E, à luz do sol que doira o laranjal e a vinha,
Move-se esta ambulante ostreira de gangrenas,
Cuja alma é talvez mais pura do que a mi...a!

Há-os ali que vão, as pernas torcionadas,
De rastos como a cobra, — oh trágicas galés! —
Pondo a bôca no lixo ignóbil das estradas,
Pondo o olhar onde eu ponho a marca dos meus pés!

E os doidos semi-nús, rotos, apedrejados,
A barba infonsa, a bôca espúmea, o olhar sangrento
Ululando e dormindo as noites por silvados,
Ou sob a telha vã dos cabanais, ao vento!

Vêde além n'uma envêrga uma cabeça enorme
Em corpo de pigmeu infinitesimal!
Êsse monstro ali sonha, ali pasma, ali dorme,
Insensível, fitando a vida universal!...

N'aquela aterradora e túrgida cabeça
Vagueia-lhe inconsciente o espírito apagado,
Como uma lua enfêrma, entre uma névoa espêssa,
Transsudando um clarão atónico e gelado...

Filhas, tendes horror a tanta desventura,
A tanta chaga hedionda, a tanta podridão,
Vendo, emquanto gorgeia o ninho na espessura,
Ulvar o sofrimento humano como um cão ? !

É que vós não sabeis o que é a vida, o globo
Hecatombe que vai, sem tréguas, sem parar,
Da raíz da açucena aos colmilhos do lôbo,
Da vossa própria bôca à bôca d'um jaguar !

Não sabeis, não sabeis quanta dôr, quanto luto,
Quanta mágoa sem fim, chora, soluça e clama
Na terra êste candente e miserável fruto,
Com a pôlpa de fogo envolucrada em lama !

Não sabeis, não sabeis que n'esta própria hora
Milhões, milhões, milhões de vítimas sombrias,
A arder na mesma febre à luz da mesma aurora,
Tendo na mesma carne as mesmas agonias,

Se contorcem no mesmo eterno matadoiro,
Sem um ai de piedade, uma oração d'amor,
Indo engordar o estrume onde as abelhas d'oiro
Zumbem na madre-silva e na verbena em flor!

. . . . . .
. . . . . .

1888.

NATAL

NATAL

Sôbre a palha loura
Dorme, a rir, Jesus:
Tudo a rir se doura
De inocente luz.

Há no olhar etéreo
Do boisinho bento
Sonhos de mistério
N'um deslumbramento...

Chegam pegureiros:
Chegam-se ao redor,
Tal e qual cordeiros
Para o seu pastor.

Anhos que vem vindo
Põem-se a meditar:
Que zagal tão lindo
Para nos guiar!

Ajoelham magos,
Extasi profundo!...
Com os olhos vagos
No senhor do mundo...

E a banhada em pranto
Mãe se transfigura,
Por divino encanto,
N'uma virgem pura.

DIVINO HUGO

DIVINO HUGO

Vivons et pensons à genoux.

V. HUGO.

Em Hugo adoremos a flor da Poesia,
A mística flor,
Tecida com beijos de luz e harmonia,
Gerada por alma da graça e do amor.

Em Hugo adoremos o génio bemdito,
O génio sem par,
Que mostra visível o Deus infinito
Nas linhas da estátua de bronze ou granito,
Nas sílabas pobres de um verso a cantar.

Em Hugo adoremos a voz da tristeza,
Sinfónica luz,
Rezando o calvário da Mãe-Natureza,
Quer tábua nas ondas, quer pão sôbre a mesa,
Quer fera na jaula, quer homem na cruz.

Em Hugo adoremos o meigo gigante,
O claro titan,
Que arrasa os baluartes do mal triunfante,
E ampara a verdade com o seu montante,
Brilhando na glória do sol da manhã.

Em Hugo adoremos o verbo de esp'rança,
O Deus-Germinal,
Que inflama as estrêlas, os monstros amansa,
Gorgeia na ave, sorri na criança
E esplende na aurora do beijo imortal!

Mas como adorá-lo? Dando vida ao canto,
Traduzindo o som:
O hino piedoso, mais belo e mais santo,
Não tem mais piedade, mais dorido encanto,
Que a lágrima triste do mendigo bom.

Em Hugo adoremos o Deus que o inspira;
Será nosso irmão:
Irmana-se ao génio quem a Deus aspira...,
O fulgor que brota da mais alta lira
Cabe no mais rude, simples coração.

O Mestre adoremos, enlacemos palmas
Em tôrno à Beleza, que é Verdade e Amor:
Seu olhar que doire nossas frontes calmas,
Venha a nós seu génio para as nossas almas,
Como a luz dos astros para a terra em flor!

1902.

MATER

MATER

Se a morte, d'olhar grave e pensativo,
Dissesse à mãe piedosa de Jesus:
«Teu filho é homem nos teus braços, vivo;
«Morto, teu filho será Deus na Cruz.

«Em teus braços deseja-lo cativo,
«Ou morto e Deus, jorrando sangue a flux,
«E a tôda a angústia dando um lenitivo
«E a tôda a escuridão perpétua luz?»

Que respondera, em lagrimoso anseio,
Cravado o olhar nos astros sempiternos,
A mãe de Cristo, unindo o filho ao seio?

Desprenderia de seus braços ternos
O filho amado? Talvez não!... Dizei-o,
Dizei-o vós, ó corações maternos!...

1905.

EVOLUÇÃO

EVOLUÇÃO

Arde o corpo do sol, brotam feixes de luz:
O que é a luz?
Sol que morreu.

Dardeja a luz, dardeja e pulveriza a draga:
Vai nesse pó, que há-de ser terra,
A luz extinta.

Gerou a terra a seara verde:
Hastes e fôlhas da seara verde
Comeram a terra.

A seara é grada, o trigo é loiro:
Deu trigo loiro,
Morrendo ela.

O trigo é pão, é carne e é sangue:
Sangue vermelho, carne vermelha,
Trigo defunto.

Em carne e em sangue, eis o desejo:
Vive o desejo,
De carne morta.

Arde o desejo, eis o pecado:
Que são pecados?
Desejos mortos.

Queima o pecado o pecador:
Nasceu a dôr; findou na dôr
Pecado e morte.

A alma branca, iluminada,
Transfigurada pela dôr,
Essa não vai à sepultura,
Porque é já Deus na criatura,
Porque é o Espírito, é o Amor.

Na vida vã da terra sepulcral
Só o amor é infinito e só êle é imortal!

Morreu a luz, pulverisando a fraga,
Morreu a poeira, alimentando a seara:
Morreu a seara, que gerou o trigo;
Morreu o trigo, que deu vida à carne;
Morreu a carne, que nutriu desejo;
Morreu desejo, que se fez pecado;
Morreu pecado, que floriu em dôr;
Morreu a dôr, para nascer o Amor!

E só o Amor na vida sepulcral
É infinito e é imortal!

1899.

A AGONIA DO CASTANHEIRO

A AGONIA DO CASTANHEIRO

(Fragmento)

Ao bisavô gigante,
Ao grande castanheiro ancestral da floresta,
Vai chegar, vai chegar, o derradeiro instante!
Três séculos viveu, e um minuto lhe resta
De agonia!
O tronco inanimado e os braços cadavéricos
Já não sabem se é noite ou se alvorece o dia!...
Já não vêem da luz os êxtasis quiméricos,
Já não ouvem do Imenso a vaga sinfonia!...
É cega, é surda, é muda a árvore que outrora
Quis, titânica, erguer-se aos astros imortais;
Já desfeita, a raiz profunda, não devora,

Já o oiro vibrante e eléctrico da aurora
Não lhe acorda a nudez dos braços espectrais!...
Mas da vélha raíz, defunta e carcomida,
No extremo nódulo da vida,
Uma célula existe, a última e a primeira,
Onde a alma, a tremer d'assombro, e comovida,
Anseia no estertor da crise derradeira...
É o átomo divino, a misteriosa essência,
D'onde o corpo brotou com atlético ardor,
E, que extinta essa forma, essa breve aparência,
Volve ao abismo da existência,
Eternamente criador.
Ó instante supremo!.. oh angustia!.. oh tortura!..
Oh vertigens de sonho!... oh noite!... oh pedreiro!
Todo o infinito opaco à volta lhe murmura:
E entre néveas de dôr, de terror, de loucura,
Ergue-se do passado a umbrática visão!..

Memórias vagas:
Foi semente,
Embrião de monstro, alma latente
Na terra negra a germinar,

E, aspirando n'um sonho obscuro, vagamente,
Ao infinito, à vida, à luz vermelha, ao ar !...
Oh êxtasi do ser !... frémito d'alva !... quando,
A radícula ingénua e débil mergulhando
No húmus tenebroso e surdo e criador,
Abriu à luz, recêm-nascida, palpitando,
Duas folhinhas uni-trémulas, sem côr !...
Vida !... deslumbramento !
Sonho fluido !... mistério !... esplendor ! esplendor !

....

1894.

A BISMARCK

A BISMARCK

Lavas as mãos da infâmia e do sangue inocente,
Monstro patibular ?
Eternamente, eternamente, eternamente
As poderás lavar,
Ou na treva da noite ou no azul esplendente
Ou no perdão de Deus ou nas águas do mar;
Que o mar há-de ficar súbito purpurino,
Vermelha a noite, em sangue o azul e o Criador,
Sem que nunca as tuas mãos trágicas de assassino
Jàmais, jàmais, jàmais possam mudar de côr !
Da tua hora final no último desmaio
Hás-de erguê-las a Deus em férvida oração,

E, como a lança atrái a cólera do raio,
A cólera de Deus sôbre ti chamarão,
Porque, embora a tremer e unidas, suplicantes,
Quanto mais no estertor para Deus as levantes
Mais levantas, bandido, a própria acusação!
E quando a glória fátua
Um dia consagrar à poeira do teu nada
O bronze de uma estátua,
Ressurgirá da campa o teu fantasma exangue,
Para lhe ir estampar sôbre a frente aureolada
Com a mão de carrasco uma nódoa de sangue!
Repara: o pedestal d'essa estátua sombria
É um Gólgota de carne humana, espostejada
A rubros temporais brutais de artilharia,
Carnificina pôdre e infecta, amalgamada,
Transsudando gangrena e pús de noite e de dia.
Um milhão, um milhão de corpos já desfeitos
Dormem nêsse sinistro e torvo muladar,
E com as garras cruéis os corvos satisfeitos,
Rasgando febrilmente as carcassas dos peitos,
Exhumam corações de heróis inda a sangrar...
E é sôbre êsse milhão de corações leoninos,

Corações da Germania e corações da França,
Onde a vida bateu, em ritmos purpurinos,
Alvoradas de amor e aleluías de esperança,
E sôbre essa hecatombe imensa e fantasmática,
Himalaia vermelho ensanguentando a história,
Que, de bok na mão, a cachimbar, fleugmática,
Assenta os pés de bronze a tua eterna glória!...

1891.

A UM HERÓI-REDENTOR
QUE VI EM SONHOS

A UM HERÓI-REDENTOR QUE VI EM SONHOS

Ao lampejar da tua espada,
— Nuno sem Mestre d'Aviz,
Rufam marchas de alvorada
Os corações juvenis!

É que ela emfim representa,
N'este transe derradeiro,
A joven noiva sangrenta
Do orgulho d'um povo inteiro!

Um simples bocado d'aço,
A dardejar em tua mão,
Na noite negra do espaço
Fez uma constelação.

D'entre as espadas formosas
Nenhuma tão viva e bela!
Môças, atirai-lhe rosas!
Mães, pedi ao céu por ela!

Sonho essa espada guerreira,
Em brasa, sôbre um altar,
Entre festões d'amendoeira
E vozes d'oiro a cantar...

Na fôlha febricitante
Arde um épico esplendor
De heroísmo augusto e radiante,
Irmão da Morte e do Amor!...

Venham adorá-la e vê-la,
Como um filho adora um pai!...
Na ponta luz-lhe uma estrêla...
Ó aves do azul, gorgeai!...

Gorgeai-lhe uma ladaínha
Celeste, um cântico esparso,
Como sôbre o trigo e a vinha
Gorgeais nas manhãs de Março!

Vencida embora, que importa!
Cravem-na rubra, auroreal,
Na tumba da Pátria morta,
— Vermelha cruz imortal!

Ah, um ferro que assassina
Tem para nós tanto encanto,
Como uma palma divina
Nos dedos magros d'um santo!

Sôbre os seus ígneos lampejos,
Como sôbre as verdes palmas,
Volitam canções de beijos,
Murmúrios sidéreos d'almas...

É que uma espada bem fria
Faz-nos chorar e ajoelhar,
Quer no peito de Maria,
Quer nas mãos de Joana d'Arc !...

1891.

HINO DE ALGUM DIA

HINO DE ALGUM DIA

Ao degredado Abilio de Jesus

O galo canta, o galo canta...
Rompe a manhã... vibra um clarim...
Justiça eterna! aurora santa,
Teu disco d'oiro se alevanta
    Ao longe... emfim!

Canta a calhandra ao pé do arado...
Canta também, vilão ruim!
Já ninguêm compra com teu gado
Mantos d'arminho ou de brocado...
    Emfim! Emfim!

Já da Miséria, ó roto aldeão,
Não faz a Infâmia o seu festim...
Já com teu vinho e com teu pão
Não dizem missa ao Deus Milhão
Judeus... Emfim!

Soldado, enrama a tua espada
De mirto e loiro e d'alecrim;
Ei-la de pé, transfigurada,
Radiante e ovante a Pátria amada...
Emfim! Emfim!

Já teu pendão não vês de rastros,
Não, marinheiro! Olha-o assim:
Palpita épico nos mastros...
Tem c'roa nova: um aro d'astros...
Emfim! Emfim!

O galo canta, o galo canta...
Rompe a manhã, vibra um clarim...
Justiça eterna! aurora santa,
Teu disco d'oiro se alevanta
Ao longe!... Emfim!

E tu, cantor cruel d'outrora,
Cultiva, obscuro, o teu jardim...
Olhos no azul, fronte na aurora,
Sonha, contempla, ajoelha, adora...
Em paz... Emfim!

1891.

CONFISSÕES

CONFISSÕES

I

Eu também sei, também, o que é o sofrimento,
Profundo como o abismo incógnito do mar;
Eu sei o que é a dôr, sei o que é o tormento
De rugir de agonia e não poder chorar!
Ó dôr, ó vélho abutre enorme e famulento
Que nasceste comnosco e não morrerás nunca,
Eu conheço-te bem, abutre ensanguentado,
O teu bico de bronze e a tua garra adunca,
Que no meu coração tens tanta vez cravado!
Como o vento que chora em noites tenebrosas,
Quando o rei Lear anda, incerto e desgrenhado,
Como choram na praia as ondas monstruosas,

A rolar, a estourar num contínuo vai-vem,
Como o exilado chora em pé no tombadilho,
Como choram os pais sôbre o caixão d'um filho,
Também tenho, meu Deus, chorado assim, também!

Eu sei o que é andar nesta prisão da vida
Em convulsões febris como o leão numida
Dentro da jaula; eu sei o que é tombar desfeito,
Sentindo um coração maior do que o meu peito
A crescer, a bater com fúria, com ardor,
— Rio desordenado a transbordar do leito,
Mas um rio de morte e lágrimas, Senhor!
Eu já tenho vertido o pranto que retalha,
O pranto que calcina as nossas ilusões,
Como o bronze inflamado a correr da fornalha,
Como a lava a correr das bôcas dos vulcões.
Quantas vezes, meu Deus, à noite não sucumbo,
Vendo prostrado em terra o meu ardor leonino,
E a vida me parece um féretro de chumbo,
E eu uma sombra vã, sem rumo e sem destino,
A marchar, a marchar pelo negro horizonte,

Sem ter, como Jesus, onde encostar a fronte,
Sem um olhar qualquer d'uma existência pura,
Sem um riso que brilhe, um astro que desponte,
Na profunda mudez da minha noite escura!
As quimeras d'abril, ó pálido romântico,
Tenho-as visto caír desfeitas, uma a uma,
Como caem bramindo os vagalhões do Atlântico,
Ao baterem na rocha, em turbilhões de espuma,
A minha mocidade, um plátano frondente,
Onde vinham cantar à noite os roussinóis,
E onde tremeluzia a luz do sol nascente,
Como a glória que doura o sorriso aos heróis;
A minha mocidade, iluminada e crente,
Mais viva que o lampejo aéreo das espadas,
Mais alegre que um rei e que um festim de noivos,
Ei-la morta no chão, com as tranças douradas,
Ensopadas em sangue e cobertas de goivos!
Os meus sonhos ideais, puros como camélias,
Eu tenho-os visto ir morrendo e perpassando,
Alciones de luz em vaporoso bando,
Fantasmas juvenis, lagrimosas Ofélias,
Brancas aparições do adro d'um mosteiro,

Pelos rios da noite a boiarem, cantando
Com as bôcas de neve a canção do *Salgueiro*...

Mas o orgulho na dôr é o silêncio profundo,
A profunda mudez...
E a minha dôr cruel eu não a conto ao mundo,
Porque a não contaria à minha mãe talvez!

. . . . . .

II

Quando o mar da tristeza em noites desoladas
Rola dentro de mim uivando como as feras,
E passa o desespêro em trágicas lufadas,
Da minha alma crestando as últimas quimeras:
Quando o meu coração essa fornalha intensa,
Quantas noites, ó noite, assim o não vês tu!

Debaixo do graniso horrível da indif'rença,
Gela como em Dezembro um proletário nú;
Quando cái do meu lábio o riso vingador,
Como uma espada cái das mãos dum moribundo,
E, Lacoonte febril, me despedaça a dôr,
A serpente imortal que deu a volta ao mundo;
Quando entre a multidão ruidosa e triunfante
Eu volvo para o lado o triste olhar incerto,
E me contemplo só, mais só que o caminhante
Enterrando os pés nus pelo areal deserto;
Quando vejo da minha extinta mocidade
Extintas sôbre o pó as purpurinas flores,
E do meu peito corre a onda da saùdade,
Como o sangue a correr do flanco aos gladiadores;
Quando a bôa amizade, o bom e honesto Iago,
O ratinho subtil na orelha do elefante,
Erguendo para o céu o olhar nocturno e vago,
Me imprime sôbre a face o beijo repugnante;
Quando eu aniquilado, à noite, a sós comigo
Deixo cair, cair as bagas do meu pranto,
E o meu orgulho vão, como um herói antigo,
Tomba por terra envolto em seu purpúreo manto;

Quando dorme tranqüila a natureza inteira
Na doce quietação da paz universal,
Quando o molosso dorme entre os fenos da eira,
E às virgens aparece a flor da laranjeira,
Em sonhos, rescendendo o aroma virginal;
Quando a inocência dorme em leitos pequeninos
Sob as asas de luz dos anjos do Senhor,
Quando dormem talvez os próprios assassinos,
E quando dormem já na treva os libertinos,
E sôbre o ramo a ave e sôbre a haste a flor;
Quando tudo repousa em silêncio profundo,
E em tôda a vastidão misérrima do mundo
Não se escuta um só ai e não se escuta um grito:
Quando a noite, águia negra, emfim desdobra as asas,
Consteladas de sóis e crivadas de brasas
Sôbre êste grão de areia a rolar no infinito;
É então, é então que a minha dôr eterna,
Com um rouco ulular e um bramir angustiado,
Sái do meu coração, como duma caverna,
Por noite funda, um tigre enorme e ensanguentado!
É então que essa dôr me guia e me transporta
Ao túmulo onde jaz o meu passado inteiro,

E é chorando que eu abro a inexorável porta,
Como no escuro um doido e lívido còveiro
Que vai desenterrar a própria filha morta!...
Desço à cripta onde vejo à luz dos lampadários
Avenidas sem fim de lúgubres caixões...
Levanto-lhes a tampa, ergo-lhes os sudários
E contemplo em silêncio os espectros mortuários,
Das minhas, ai de mim, desfeitas ilusões!...

Uns são vultos de heróis, fantasmas de gigantes,
Tendo ainda nas mãos adagas e broqueis...
Em seus arneses d'ouro e em seus elmos ovantes
Há laivos de metralha e rasgões de montantes
E rombos do tropear das patas dos corceis...

Além primaveris fileiras de crianças,
O sorriso lilás exânime, entreaberto...
Astros do amanhecer, emigrações d'esp'ranças,
Bandadas matinais de níveas pombas mansas
Que partiram deixando o seu pombal deserto!...

Aqueles são legiões de aparições nocturnas,
De eremitas senis, de múmias monacais,
Que viveram rojando as frontes taciturnas
Na mudez tenebrosa e côncava das furnas,
Absortos no esplendor das glórias imortais...

Aqui virgens de neve em branco amortalhadas,
N'um dorido palor de luz crepuscular...
Nas pálpebras, na face e nas bôcas geladas
Dir-se-ia que tem violetas esmagadas
Sôbre macerações ebúrneas de luar...

Êstes a cujo olhar um convulsivo espasmo
Dá como que a feição de monstros das galés,
Foram o Desespêro, a Cólera, o Sarcasmo,
Titans de dôr, d'amor, de rancor, de entusiasmo,
Com auroras na fronte e uma grilheta aos pés!

E tudo isto que é lôdo e cinza vã e escória,
Tudo isto dentro em mim sonhou, cantou, viveu!

Tudo isto foi a Esp'rança, a Juventude, a Glória,
E hoje, ó destino amargo, ó ventura ilusória!
Tudo êste fermentar de podridões sou eu!

Sou eu, sou eu, sou eu tôda a imensa miséria
Que vejo em mil caixões, n'um préstito sem fim...
Quanta morte não há nesta cripta funérea!
Quanta vida, Senhor, não palpitava em mim!

Quero chorar, e em vão!... nem me resta o confôrto
Do pranto abrasador que queima e que alivia...
Na visão do meu nada eternamente absorto
Não sou mais que o fantasma insensível d'um morto,
Uma estátua a marchar sonâmbula e vazia...

Treva, pavor, silêncio!... E na cripta gelada
Só se sente que cái gota a gota no chão
Sangue negro a manar d'uma urna quebrada,
Onde dorme o meu triste e exausto coração!

III

Quando cheguei um dia à praia onde se embarca
Para o Destino, eu vi correr pelo mar fóra,
Como um tálamo de oiro e púrpura, uma barca,
D'onde vinham, ao som da lira de Petrarca,
Risos em flor, canções d'amor, beijos d'aurora...

O grande oceano azul levava-a baloiçada
Na curva triunfal do seu ritmo dolente,
Qual um monstro amoroso e glauco de balada,
Que, sentindo no dorso uma ninfa encantada,
Se espreguiçasse hercúlea e voluptuosamente...

Iam n'ela em noivado as almas venturosas,
A Juventude, a Graça, a Beleza, a Ilusão,

Desfolhando da Vida as pétalas mimosas,
Vestidas de esplendor e c'roadas de rosas,
Com tirsos auroreais de pâmpanos na mão!...

Eufunava-lhe a vela um sôpro virgiliano,
Vela de linho puro, alva como o luar...
Até que se perdeu, singrando a todo o pano,
Festim de Veroneso e Rubens e Ticiano,
Na vasta apoteose olímpica do mar!...

Na praia ficou só uma nau de batalha,
Um navio fantasma, espectral e silente,
Com um negro pendão de luto, uma mortalha,
Enodoada de sangue e rôta da metralha,
A blasfemar no azul caliginosamente...

Embarquei n'essa nau de epopeia e má sorte,
Argonauta cantando, a alma heróica em flor!...
Dentro, ninguêm!... Sòzinho, a descrever-lhe o norte,

Á proa um capitão gelado e mudo, — a Morte,
Á pôpa um timoneiro, olhos de abismo, — a Dôr!...

Senhor! Senhor! Senhor!... que Destino me leva?
Aonde irei bater?... Quem é que me conduz?
A Dôr fixou em mim, piedosa, o olhar de treva...
E a Morte, como em sonho, ao luar, quando neva,
Apontou no horizonte, extática, uma Cruz!...
.....

1878 — 1884.

NOTAS

Pag. 116 — «Hino d'Algum Dia»

Foi escrito há cêrca de 30 anos o «Hino d'Algum Dia», e a alvorada de glória, o dia de paz d'amor e de justiça não chegou ainda. Mas não descreio da minha Pátria. Ao cabo d'esta noite sinistra, depois d'uma longa e dura expiação, fatal e necessária, a aleluia heróica de Portugal brotará das almas. Nun'Alvares e Camões hão-de reviver.

Pag. 117 — «Romaria».

Infelizmente deixei esta poesia incompleta. A segunda parte era um hino religioso ao amor e à dor e à sua filha mais bela, a caridade. Só, amando e penando, chegaremos a Deus. A beatitude é um raio de luz celeste coado por uma lágrima.

INDICE

	PAG.
Dedicatória...	5
Manhã...	11
O primeiro filho	19
Canção de batalha	25
Distico...	29
Grupo antigo	33
Ideal negativo	37
Ao luar...	43
In pace-finis...	49
Elegia	57
A lágrima	61
Adoração	69
O teu aniversário	73
F.	77
Carta a F.	81
Em viagem...	85
Carta a Mimi	99

PAG.
A minha filha 109
Vendo-a sorrir 113
Romaria. 117
Natal 127
Divino Hugo 131
Mater 137
Evolução. 141
A agonia do castanheiro. 147
A Bismarck... 153
A um herói redentor que vi em sonhos... 159
Hino de algum dia... 165
Confissões 171
Notas 183

ERRATAS

Pag. 141, onde se lê: *Comerão a terra*, deve lêr-se: *Comeram terra.*

Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, Limitada
Rua das Carmelitas, 144 — PORTO

EÇA DE QUEIROZ

O Crime do Padre Amaro	1 vol.
O Primo Bazílio	1 vol.
O Mandarim	1 vol.
Os Maias	2 vol.
A Relíquia...	1 vol.
Correspondência de Fradique Mendes	1 vol.
A Cidade e as Serras	1 vol.
A ilustre casa de Ramires	1 vol.
Prosas Bárbaras	1 vol.
Contos	1 vol.
Cartas de Inglaterra	1 vol.
Ecos de Paris	1 vol.
Cartas familiares	1 vol.
Notas contemporâneas	1 vol.
Ultimas paginas	1 vol.
Minas de Salomão, tradução	1 vol.
Revista de Portugal, publicação feita sôbre a sua direcção e colaboração	4 vol.
Eça de Queiroz — Na inauguração do seu monumento — Discursos de Ramalho Ortigão, Luís de Magalhães, etc..	1 vol.

COELHO NETO

Sertão...	1 vol.
A Bico de Pena	1 vol.
Agua de Juventa	1 vol.
Romanceiro	1 vol.
Teatro, vol. I, (*O Relicário, Os Ratos X, O Diabo no corpo*)	1 vol.
Teatro, vol. II, (*As Estações, Ao Luar, Ironia, A Mulher, Fim de Raça*)	1 vol.
Teatro, vol. IV. (*Quebranto*, comédia em 3 actos, e o sainete *Núvem*)	1 vol.
Teatro, vol. V. (*O dinheiro, Bonança, e o Intruso*)	1 vol.
Fabulário...	1 vol.
Jardim das Oliveiras	1 vol.
Esfinge	1 vol.
Miragem	1 vol.
Apólogos, contos para crianças, com gravuras	1 vol.
Inverno em Flor	1 vol.
Mistérios do Natal, contos para crianças... ...	1 vol.
Morto (O), memórias de um fuzilado	1 vol.
Rei Negro (O)	1 vol.
Capital Federal...	1 vol.
A Conquista	1 vol.
A Tormenta	1 vol.
Tréva...	1 vol.
Banzo...	1 vol.
Turbilhão...	1 vol.

PQ
9261
G8P6
1920

Guerra Junqueiro, Abilio
Manuel
Poesias dispersas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 25 03 004 8